JOANA BARATA PRÉMIO QUÍMICOS JOVENS / GRADIVA 2010

ENTREVISTA CONDUZIDA POR CARLOS BALEIZÃO¹ E
FREDERICO FERREIRA²

A Dra. Joana Barata foi vencedora ex-quo do Prémio Químicos Jovens / Gradiva 2010, com um artigo intitulado “Estudos de actividade fotodinâmica de corróis em células tumorais”. Aproveitámos uma visita da Joana a Lisboa no mês de Junho para conversarmos um pouco sobre as motivações que levaram esta jovem química a divulgar ciência, bem como um pouco do seu percurso enquanto cientista.

CB: Qual foi a motivação para concorrer ao Prémio Químicos Jovens / Gradiva 2010?

JB: A grande motivação foi a possibilidade de expor o trabalho desenvolvido no meu doutoramento, em Síntese Orgânica na Universidade de Aveiro sob a orientação do Prof. José Cavaleiro e da Prof. Graça Neves, e o possível reconhecimento que viria com o prémio.

CB: Não é fácil colocar numa linguagem acessível a Ciência que realizamos na bancada. Quais as maiores dificuldades em transformar Ciência de bancada em divulgação científica?

JB: As dificuldades foram várias, como o tipo de linguagem a usar, que além de ter de ser simples, implica transformar termos técnicos em termos correntes e compreensíveis a todos os que têm uma formação diferente da nossa. Devemos também ter em mente, que o leitor tem uma expectativa elevada em relação à aplicabilidade da ciência na sociedade.

CB: A atenção que os órgãos de comunicação social dedicam à Ciência e Tecnologia em Portugal é cada

vez maior, sendo a TSF e a SIC bons exemplos desse trabalho. O que achas da forma como a Ciência ainda é tratada nos meios de comunicação regulares em Portugal (jornais, TV, rádio)?

JB: Apesar dos programas na TV e rádio terem uma boa qualidade, a Ciência ainda é pouco explorada nos meios de comunicação social. Para uma melhor divulgação científica podia-se tirar um maior partido da internet, que é de fácil acesso a um número crescente de pessoas. A criação, por exemplo, de jornais on-line de livre acesso dedicados à Ciência, seria uma boa ideia.

FF: Costumas participar nos dias Abertos do Departamento de Química da Universidade de Aveiro. Como é essa experiência?

JB: Muito divertida e enriquecedora. Imagina um grupo de crianças com 6/7 anos, a fazerem as perguntas mais ingénuas e cruas que podemos imaginar, e à espera de respostas directas e simples. É um grande desafio, pois estamos a trabalhar sem rede, as respostas têm de ser rápidas e concisas. Quando começam a olhar para nós muito atónitos é porque não estamos a fazer bem o nosso trabalho, mas se começam a fazer ainda mais perguntas, mostrando ainda mais interesse,

é porque a nossa mensagem está a chegar.

FF: Então achas que essa idade (6/7 anos) é a ideal para se começar a ter contacto com a Ciência?

JB: Sim, é a ideal. Quanto mais novos tiverem contacto com Ciência melhor. Hoje em dia as evoluções são diárias, e cada vez os mais novos têm contacto com novas realidades. A Ciência tem de acompanhar este progresso. Quanto mais cedo se ganhar curiosidade e interesse pela Ciência, melhor.

FF: Alguma ideia inovadora para fazer divulgação científica?

JB: Somente tornar toda a divulgação científica já existente mais simples e apelativa, e claro, torná-la mais visível junto do grande público, como já falámos.

FF: O caminho que se percorre durante um doutoramento, por vezes é sinuoso e com obstáculos que temos que ultrapassar. Qual a maior dificuldade que tiveste de ultrapassar durante o teu doutoramento?

JB: A maior dificuldade foi o facto de os corróis não seguirem a quími-

¹ CQFM/IST, carlos.baleizao@ist.utl.pt
² IBB-IST, frederico.ferreira@ist.utl.pt

ca tradicional e assim não conseguir aplicar aos meus compostos reacções conhecidas e bem estabelecidas na literatura. Estou a falar de reacções que podemos ver em livros ou artigos, mas que depois na bancada não funcionam. Durante dois anos tive muitos destes casos, em que obtinha outros produtos que não os desejados, e todo este processo de aprendizagem em Química Orgânica é moroso.

CB: Mas não só de dificuldades e dis-sabores é feito um doutoramento. O que é que te deu mais prazer?

JB: Apesar das dificuldades que mencionei atrás, que levaram a um processo de aprendizagem importante, gostei de todo o tempo que passei na bancada.

FF: Durante o teu doutoramento, passaste algum tempo fora de Portugal. Achas importante ter contacto com outras realidades e culturas científicas?

JB: Muito importante. Ao trabalharmos durante algum tempo na mesma instituição, corremos o risco de ter o nosso pensamento muito formatado, ao termos contacto com novas realidades, embora tenham o mesmo objectivo, a forma de o conseguir é diferente, levando a uma abertura na nossa visão e o horizonte passa a ser

Joana Barata no laboratório onde realizou o seu Doutoramento

maior. No meu caso concreto, fui para a Universidade Autónoma de Madrid trabalhar em Microbiologia Celular, uma área completamente diferente da

Síntese Orgânica a que estava habituada. Além das novas técnicas que aprendi, o contacto com novas formas de trabalhar foi também muito enriquecedor.

CB: Voltarias a sair de Portugal para continuar a tua actividade científica?

JB: Sim, mas só com a família.

FF: Que conselho deixas aos jovens investigadores que acabaram recentemente os seus cursos e têm a intenção de prosseguir doutoramentos?

JB: Primeiro traçar objectivos ambiciosos, e colocarem todo o seu esforço e dedicação para os atingirem. Hoje em dia, a concorrência é cada vez maior, e os jovens investigadores têm de se superar a si próprios para obterem resultados inovadores que no futuro lhes permitam atingir uma posição na investigação.

CB: A entrevista chegou ao fim, agradecemos a tua disponibilidade e Boa Sorte para o futuro.

Doutora Joana Barata na sua conferência no 2º Encontro de Químicos Jovens